

issn: 2176-5960



Προμηθεύς
journal of philosophy



N. 43 September December 2023

SOSÍPATRA DE PÉRGAMO: SOFISTA, FILÓSOFA E ADIVINHA
TRADUÇÃO, ESTUDO E NOTAS A EUNÁPIO, *VIDA DOS*
***SOFISTAS* (6.6.5 – 6.9.15)**

Rogério Gimenes de Campos
UNILA

RESUMO: Eunápio de Sardes, em sua *Vida dos Sofistas* (Eun.VS 6.6.5 – 6.9.15), apresenta a vida de Sosípatra de Pérgamo, uma jovem de poderes divinatórios e clarividentes que se tornou uma filósofa filiada à escola neoplatônica. Em meio às clarividências de Sosípatra, veremos os episódios que a levaram ainda muito jovem às iniciações teúrgicas e algumas poucas cenas adicionais de sua vida adulta. Veremos como o autor retoma lugares comuns derivados da ambiência do *Fedro* de Platão e, por fim, apresentaremos uma versão (tradução) portuguesa anotada para o trecho de Eunápio.

PALAVRAS-CHAVE: Neoplatonismo; Eunápio; Sosípatra; adivinhação e clarividência.

ABSTRACT: Eunapius of Sardis, in his *Life of the Sophists* (Eun.VS 6.6.5 – 6.9.15), presents the life of Sosipatra of Pergamum, a young woman with clairvoyant and clairvoyant powers who becomes a philosopher affiliated with the school of Neoplatonism. During Sosipatra's clairvoyance, we will see the episodes that led her to the theurgic initiations at a very young age and a few additional scenes from her adult life. We will also see how the author takes up commonplaces derived from the ambience of Plato's *Phaedrus*. Finally, we will present an annotated Portuguese version (translation) for the passage by Eunápio.

KEYWORDS: Neoplatonism; Eunapius; Sosipatra; divination and clairvoyance.

1 Introdução

O texto de Eunápio de Sardes, *Vida dos sofistas*, é bastante conhecido. Seu manuscrito mais antigo, *Laurentianus*, remonta ao século XII, entre outras cópias posteriores, as quais segundo Lundström sofreram algumas modificações, como manuscrito *Lacapanianus* (Lundström *apud* Wright, 1921, p.340). Quanto às edições, temos disponíveis respectivamente as de Hornanus (1568), Commelinus (1596),

Boissonade (1922) e Giangrande (1956).¹ As anotações provenientes dessa edição de Giangrande, muitas delas de extrema importância, aparecem inseridas nas reimpressões da tradução de Wright (1921), que tinha como base a edição anterior de Boissonade. Seguimos nesse trabalho especialmente a tradução de Wright (1921), pela editora Loeb, e a mais recente feita por Robert Nau (cf. Marx-Wolf, 2014). Também consultamos para esse estudo a tradução italiana de Civiletti (2007), a francesa de D’Jeranian (2009) e a espanhola de Samaranch (1966).

A edição de Marx-Wolf (2014) traz em anexo a tradução de Robert Nau do trecho relativo a Sosípatra. A autora reativou o debate sobre Sosípatra trazendo especialmente a perspectiva da história e da demografia, sem deixar de considerar o contexto neoplatônico e teúrgico daquele ambiente filosófico. O cenário romano tardio apresenta uma cultura pagã que já perdera bastante espaço para o cristianismo institucional, mas que de alguma maneira ainda tenta resistir através da ação educativa e pela escrita desses rétores neoplatônicos.

A abordagem de Marx-Wolf apresenta a filósofa Sosípatra a partir de categorias como as de “infância, casamento, maternidade e viuvez”, deixando para os capítulos finais maiores detalhes acerca da sua atividade de “professora”, adepta da “teurgia” e da “adivinhação” (Marx-Wolf, 2014, pp. 17-117). A autora fornece retrato em que se pode entender o contexto histórico de Sosípatra, entretanto, acreditamos que alguns pontos provenientes do texto de Eunápio mereçam uma adicional atenção, especialmente um detalhamento de elementos filosóficos explícitos e implícitos, além de uma elucidação dos valores da escola neoplatônica e mesmo parâmetros retóricos que tornam algumas passagens mais compreensíveis.

Destacaremos nesse artigo a importância da educação a que Sosípatra foi submetida, assim como seu caráter iniciático e misterioso, algo que faz sentido especialmente na sucessão de sábios em que tais doutrinas eram veiculadas e estão organizadas na obra de Eunápio. Lembrando que o cristianismo já era o pensamento religioso predominante nesse período e que em muitas ocasiões se opunha veementemente contra o assim chamado paganismo, instituindo, portanto, o que conhecemos como perseguição, exclusão e violência de cunho religioso.

No trecho de Eunápio são marcantes elementos de religião astral, concepções que encontram vazão em imagens celestiais dos destinos das almas, trajetos terrestres, celestes e supracelestes. Entre os neoplatônicos, essas tópicas apresentam vocabulário

¹ Ver Wright (1921 pp.340-341).

impregnado das escolas aristotélicas e estoicas, por isso encontramos menções a lugares sublunares (abaixo da lua), *pneumas* (sopros) mais ou menos equilibrados em formas de *daimones*, entre outros termos que foram assimilados pela escola. O *pneuma* (sopro) é uma herança, entre muitas, do estoicismo, visto que o termo define um dos fundamentos cósmicos no estoicismo (e.g. *SVF* I, 134-177).

Além dos poderes divinatórios e clarividentes, os saberes retóricos de Sosípatra também se destacam, especialmente quando ela administra encontros em sua casa, promovendo exposição (*próthesis*) e investigação (*zétema*) de temas filosóficos, além de indagações acerca da natureza da alma. Sosípatra ao promover reuniões e debates filosóficos em sua casa, parece ter angariado muitos seguidores provenientes da escola de Edésio.

Veremos nesse artigo uma descrição do trecho à luz de seus referentes mais evidentes e previsíveis, procurando contextualizar filosoficamente tal retrato e fornecendo uma tradução portuguesa para o trecho de Eunápio, a partir da qual esse estudo surgiu.

Agradeço especialmente à querida amiga e professora Luciana Ribeiro, que há alguns anos me apresentou Sosípatra de Pérgamo dentro da perspectiva do parapsiquismo, sugerindo que investigássemos conjuntamente tais supostos fenômenos clarividentes da jovem filósofa neoplatônica. Como não conseguimos realizar essa investigação conjunta na época, espero que esse pequeno recorte e abordagem que aqui apresento possa agregar algo àqueles intuits anteriores, bem como a tantos outros que se encantem pelos poderes da jovem Sosípatra nessa tradução. Agradeço também a amiga, professora e pesquisadora Jovelina Ramos de Souza (UFPA), assim como à Revista *Prometeus* (UFS), por terem propiciado estímulo e veículo apropriado para este estudo.

2 Especificidades

A vida de Sosípatra apresentada por Eunápio em *Vida dos sofistas* (Eun. *VS* 6.6.5 – 6.9.15) traz alguns momentos extraordinários que desde a infância da personagem são relatados como ligados às suas excepcionais qualidades intelectuais, em especial algumas adivinhações e clarividências. Para além dessas qualidades naturais, detectadas na narrativa de Eunápio por dois senhores iniciados nos mistérios, Sosípatra teve a

chance de ser educada e iniciada por esses mesmos homens nas tradições teúrgicas e filosóficas da linhagem neoplatônica. Nesse caminho, seu destino de oradora e educadora é descrito através das responsabilidades e dos conhecimentos que gradativamente adquire desde muito nova, em seguida enquanto mãe dos filhos de Eustácio e depois como professora.

Os saberes da jovem Sosípatra são essencialmente de ordem filosófica, retórica e teológica, sem que seja possível discernir exatamente as fronteiras entre esses saberes em sua época. É evidente a preocupação de Sosípatra com as almas e seus destinos, bem como a ligação desses saberes com concepções religiosas astrais, tais quais vemos em Platão (Pl. *Phdr.* 248d-e). Além disso, está claro também que esses saberes estão intimamente organizados pelos conhecimentos retóricos e literários, os quais servem de base para as reflexões de ordem filosófica e mística.

O texto de *Vida dos sofistas* (Eun. *VS* 6.6.5 – 6.9.15) constitui o único relato sobre Sosípatra. Isso torna a análise menos complicada, na medida em que não se encontram contradições ou opiniões diferentes, nem mesmo similares, em quaisquer outros documentos, não havendo, portanto, um confronto entre fontes de épocas diferentes. Entretanto, tal escassez, facilitadora à princípio, torna-se ao mesmo tempo limitadora, pois apesar de toda a informação provir de Eunápio, alguns editores propuseram algumas correções e/ou modificações nesse único texto. Portanto, alguns excessos interpretativos e leituras extravagantes aparecem em torno desse trecho de Sosípatra (Goulet, 1977-78; 1979; Nenci, 1973).

Quanto às traduções disponíveis, elas discordam pouco entre si e quando isso ocorre, a causa é a dissonância interpretativa em torno de um trecho específico. Uma correção hipotética foi proposta por baseada nessa suposta incongruência que tange as previsões da jovem mestra. Sosípatra, de acordo com uma das interpretações, diz a Eustácio que nenhum de seus filhos em comum alcançaria a divindade. Entretanto, Eunápio diz, um pouco à frente, que um desses filhos, Antonino, teria sido iniciado no Egito e se tornado um “filósofo-sacerdote”, possuindo também poderes de adivinho e clarividente, como sua mãe (Eun. *VS* 6.11.11). Isso teria sido uma contradição da previsão de Sosípatra, pois um de seus filhos afinal teria se tornado sacerdote. Embora jamais fique claro se Sosípatra estava se referindo exatamente a essas qualidades quando faz tal previsão sobre os próprios filhos, alguns editores propuseram alterar esse passo no texto original, já que Antonino teria sido iniciado e teria alcançado uma

reputação de adivinho, evitando assim que Sosípatra de algum modo tivesse se enganado, segundo o próprio Eunápio, sobre o futuro de um de seus filhos.

Contudo, isso parece apenas uma confusão entre leitores talvez muito exigentes por uma suposta coesão interna que o texto não oferece. O destino divino referido pela profecia da mãe, nesses termos, não parece referir quaisquer cargos ou postos sacerdotais, parecendo mais uma previsão genérica acerca do destino das almas, ou seja, em sua natureza última e eterna, não dependendo exatamente de eventos reais da vida cotidiana dos envolvidos.

A leitura de que um de seus filhos tenha alcançado a felicidade na vida, relaciona indevidamente as qualidades vividas com as benesses inerentes às almas, não sendo essa a leitura que Eunápio parece propor. Sosípatra falava do fim último das almas, em seu sentido etéreo, de modo que tentar salvar Sosípatra de algo que ela jamais previu, além de inapropriado, certamente é excessivo. Parece que alguns editores encontraram uma informação aparentemente dissonante no texto e a procuraram corrigir, sem levar em conta outros elementos interpretativos e também plausíveis. Como aparentemente esse filho de Sosípatra segue a mesma carreira “filosófica” da mãe e aparece como um sucessor natural com poderes divinatórios, alguns editores sugeriram alterar ligeiramente o trecho anterior (Eun. *VS* 6.8.3-5), afinal aquela profecia de Sosípatra, lida daquela forma, parecia estar errada (Giangrande, 1956, pp.111-116).

Em vez de dizer “nenhum”, a correção faz Sosípatra dizer que “apenas um” de seus filhos alcançará a divindade, para coincidir com o destino histórico de Antonino à frente no texto. Esse é um exemplo interessante de como muitas vezes a interpretação pode levar a alterações hipotéticas nos textos originais. Tal ação surge não exatamente por uma dúvida, mas por uma certeza, e para salvar Sosípatra de uma suposta “profecia fracassada”, pois essa modificação se adequa a uma percepção geral da narrativa que foi acolhida como predominante.

Eunápio narra que Antonino, um dos filhos de Sosípatra, chegou a prever eventos futuros, inclusive a destruição do templo em que ele mesmo foi iniciado, fato que norteou a adequação do texto por parte dos editores e tradutores (Eun. *VS* 6.10; 6.11). Pensamos, contudo, que o fato de seu filho Antonino ser um iniciado no Egito, no templo de Serápis, não alteraria aquela classificação das almas prevista por sua mãe (Eun. *VS* 6.8.3-5). Muito provavelmente o que Sosípatra diz refere-se apenas à natureza e ao destino da alma, não exatamente, como dissemos, aos afazeres de cada um em vida. Além do mais, que o templo fosse destruído talvez não fosse uma profecia tão grandiosa

de Antonino em um contexto de constante perseguição religiosa e de conflitos nos quais outros tantos templos similares já haviam sido destruídos. Antonino, nesse caso, não precisava ser profeta nem clarividente como sua mãe para antever o destino daquele templo naquele contexto de perseguição religiosa.

3 Mistérios, adivinhações e clarividências

O primeiro relato extraordinário na obra de Eunápio acerca de Sosípatra é justamente sua ligação com a colheita abundante. Dois anciãos que passavam pela propriedade em que ela morava teriam persuadido o administrador local de que poderiam cuidar daquela vinha. Depois de admitidos como diretores agrícolas, através de procedimento não especificado, eles lograram uma colheita magnífica. Sosípatra aos cinco anos parece aí manifestar seu primeiro prodígio, mas tudo ainda permanece oculto, pois não se sabe o que ela efetivamente teria feito, ou se foram os magos os responsáveis únicos desse episódio. Quem fez afinal com que esses dois homens estrangeiros viessem cuidar das vinhas e obtivessem resultado extraordinário? Talvez o prodígio agrícola se deva também a esses senhores e seus saberes, embora seu papel na narrativa tenha sido sobretudo o de reconhecer a criança, seus poderes especiais, e cuidarem em seguida da sua educação e iniciação.

A tópica da colheita extraordinária remonta a Tales de Mileto. Especificamente legado por Aristóteles (Ar. Pol. 1259a), a predição de grandes colheitas de vinha é cenário comum do espanto acerca da sabedoria filosófica, também da sabedoria astronômica e meteorológica, dada à capacidade de antecipação dos fenômenos climáticos e agrícolas. Ao predizer aparentemente por meio de cálculos astronômicos uma grande colheita, Tales teria dado aos detratores da filosofia uma espécie de resposta, mostrando a utilidade e benefício dessa atividade, ao mesmo tempo indicando que o principal objetivo para o filósofo não seria o ganho econômico, mas a investigação e conhecimento das maravilhas da natureza.

Não fica claro se Sosípatra teria realizado uma intervenção divina (1) ao propiciar que homens que conheciam da vinicultura de modo excelente se oferecessem para cuidar daquela safra com resultados admiráveis, (2) se a intervenção seria também partilhada com esses senhores, que depois são vistos como *daimones* pelo pai de Sosípatra, ou (3) se há algo superior a todos em torno dessa abundante colheita e desse

encontro. Não se evidencia claramente a relação entre a criança, os senhores e a abundante colheita, apenas paira um ambiente misterioso entre esses elementos e personagens.

Todo o elogio a Sosípatra se insere nesses feitos extraordinários operados por seres divinos. A religião astral marca esse episódio de Sosípatra, pois só os sábios senhores reconhecem a divindade da criança e sua conexão com as divindades astrais, especialmente quando dizem que ela era uma “dádiva celeste” e fora “enviada pelos astros”.

Além do aspecto puramente agrícola, o fato dos senhores estrangeiros portarem grandes bagagens e estarem vestidos com peles indica a ligação desses personagens com o ambiente e o universo temático dionisíaco, visto que Eurípides na *Bacantes* apresenta Tirésias e Cadmo com similares peles de cervos nos ombros (Eur. *Bach.* 24; 111; 136-137; 176, 249, 696). Essa presença de Dioniso à frente se desvelará com maior clareza em uma das clarividências de Sosípatra, momento que a ela será atribuído um influxo “coribântico e báquico”.

Na trama de Eunápio, esses senhores dizem serem portadores dos mistérios dos Caldeus, sendo que o neoplatonismo teria assimilado a tradição dos *Oráculos Caldaicos* em sua iniciática grega. O sincretismo entre elementos dionisíacos e mesopotâmicos é bastante frequente, em um momento bastante peculiar em que se busca uma sinfonia entre as tradições filosóficas e teológicas (Trouillard, 1982; Saffrey, 2001, pp. 143-158).

Nesse terreno atípico em que adivinhação encontra a técnica e a ciência, Eunápio oferece cenário perfeito para o florescimento da jovem adivinha Sosípatra, que se transforma em uma grande oradora, professora de retórica e clarividente. Eunápio conta que Sosípatra foi entregue aos anciãos para que a educassem por cinco anos e a iniciassem nos mistérios teúrgicos neoplatônicos. Em muitas vidas filosóficas neoplatônicas, os biografados apresentam sinais extraordinários já na infância, como Apolônio de Tiana, que na biografia de Flávio Filóstrato, também muito jovem, espantosamente, já dominava a língua ática (Philostr. *VA* I, VII).² Nas vidas de Pitágoras, grande matriz dessa literatura, não falta a omnipresença do mestre em lugares distintos, como, por exemplo, em Porfírio, segundo o qual Pitágoras se fez presente em Tauromenio e Mataponto ao mesmo tempo, além das previsões de terremotos, vendavais e epidemias (Porph. *VP* 29, Iamb. *VP* 134; 136).

² Ver Campos (2021, pp. 31-54).

Também nas vidas dos santos católicos, ambiente familiar e que, em alguma medida, deriva também dessa mesma literatura politeísta, as crianças e seus prodígios são frequentes, a única diferença é que em Eunápio os filósofos e teurgos são de linhagem neoplatônica, ou seja, politeístas (Penella, 1990). A pequena biografia de Sosípatra também servirá de modelo para as vidas das santas católicas, como as das duas Melânias, a jovem e a velha, além das de Macrina e Sinclética (Marx-Wolf, 2014, p.111).

O segundo relato extraordinário acerca de Sosípatra no trecho de Eunápio ocorre depois do período de iniciação e educação a que a jovem foi submetida, dos cinco aos dez anos, junto aos senhores mestres vinicultores e sacerdotes dos mistérios. Quando ela volta às terras de seus pais com os anciões, Sosípatra relata ao seu pai as diversas coisas que ele havia passado no período distante e a quantidade de detalhes da narrativa faz com que ele se espante, pois era como se ela estivesse o acompanhando durante todo o tempo em suas distantes viagens de carruagem. Era como se ela fosse capaz de ver e viver em um desdobramento de si mesma e capaz de reter essas informações à distância. Nesse momento de emoção, o pai a entrega aos senhores para que completem as iniciações de Sosípatra durante a noite, momento em que aqueles senhores proferem suas últimas instruções à jovem, antes de, literalmente, sumirem (Eun.*VS* 6.7.8). O desaparecimento dos senhores faz com que o pai de Sosípatra tivesse certeza de que não eram humanos convencionais, mas que eram em alguma medida seres divinos.

O terceiro relato extraordinário acerca de Sosípatra se dá quando ela encontra seu futuro marido, Eustácio. Ao olhar para ele, Sosípatra prevê o destino de suas almas conjuntas, apontando lugares distintos para os quais seriam enviadas depois da vida terrena e os lugares celestes nos quais permaneceriam. No caso de Eustácio, Sosípatra diz que uma imagem (*eidōlon*) dele a informava dessas coisas no momento da clarividência. Dizia que a alma de Eustácio, depois da vida terrena, permanecería a redor da lua por cinco anos filosofando sem qualquer dificuldade, sendo depois enviada a um lugar diferente por um “bondoso e doce caminho sublunar” (Eun.*VS* 6.8.4).

O quarto relato extraordinário é relacionado a um feitiço, na verdade um contrafeitiço. O jovem primo de Sosípatra, Filometor, havia realizado um procedimento mágico para cativar o amor e a atenção da prima. Sosípatra, por seu turno, ao perceber alguns efeitos desagradáveis dessa magia, consulta Máximo para saber o que se passava. Máximo, para proteger Sosípatra, em resposta, prepara um contrafeitiço para neutralizar a magia feita por Filometor. Finalizado o ritual, Máximo pergunta a

Sosípatra acerca daqueles sentimentos anteriores, se eles haviam desaparecido ou não. Sosípatra confirma que já haviam acabado, mas descreve com detalhes todos os procedimentos feitos por Máximo, como se estivesse presente também naquele ritual, mais uma vez surpreendendo seu interlocutor pela clarividência e pela capacidade de “estar” ou “ver” algo que acontecera em outro lugar.

O quinto relato extraordinário é também desse tipo, outra clarividência ligada a esse mesmo Filometor. Depois que os feitiços foram apaziguados e uma harmonia se estabeleceu entre eles, Sosípatra, no meio de uma de suas aulas sobre a natureza da alma, teria sido interrompida de sobressalto. Afetada por um choro súbito, Sosípatra descreve um acidente que Filometor havia sofrido em sua carruagem em um lugar distante. Filometor é “visto” por Sosípatra se acidentando, mas sendo salvo por alguns de seus serviçais (Eun. *VS* 6.9.12). Tudo isso se confirma em seguida, ressaltando novamente os poderes clarividentes da professora.

4 Ambiência neoplatônica: retórica, filosofia e cenografia

Alguns autores do período romano tardio e do neoplatonismo tiveram predileção pelo *Fedro* de Platão como modelo didático, pois acreditavam que nele havia muitos dos elementos do platonismo bem-organizados e sintetizados (Anderson, 1993, p.75-76). Em Eunápio não é diferente, visto que ele mostra algumas referências explícitas a esse diálogo no trecho dedicado à Sosípatra, especificamente tratando de tipologias e destinos das almas, além do cenário iniciático, presente não apenas em Platão. Ainda será possível perceber referências não tão explícitas ao *Fedro*, as quais também faremos menção em seguida.

O primeiro indício ao tema do ciclo das almas do *Fedro* aparece algumas linhas antes dos fatos ligados à Sosípatra, quando Eustácio trata do coro dos deuses, dizendo que “o falso não está apenas fora do coro dos deuses, mas também da sua enunciação” (ψεῦδος γὰρ οὐ μόνον ἔξω θείου χοροῦ, ἀλλὰ καὶ λόγου ἴσταται, Eun. *VS* 6.6.3), Eunápio alude à passagem da palinódia em que Sócrates diz que “a inveja (*phthónos*) permanece fora do coro dos deuses” (φθόνος γὰρ ἔξω θείου χοροῦ ἴσταται, Pl. *Phdr.* 247a), mas nota-se, entretanto, que em Platão é a inveja (*phthonos*), não o falso (*pseudos*), que fica fora do coro dos deuses, indicando provavelmente uma diferença entre o texto que conhecemos e o que Eunápio conhecia.

Eunápio, ao mencionar os textos de Platão, acaba por nos informar de modo indireto acerca das possíveis condições textuais e dos parâmetros com as quais trabalhava a hermenêutica neoplatônica de seu tempo. O coro dos deuses, então, serve como indício do que virá a seguir, pois Sosípatra tem essa capacidade de reconhecer as almas e seus destinos, utilizando seus poderes clarividentes, os quais aliás sempre são involuntários.

O segundo momento em que podemos compreender como próximo ao *Fedro* é o da adivinhação de Sosípatra com relação aos destinos das almas, dela e do futuro marido, Eustácio. Ela começa uma descrição detalhada dos destinos que ambos terão, sendo que ele terá “um destino belo e apropriado”, permanecerá ao redor da órbita da lua em um movimento tranquilo por cinco anos, período em que dedicar-se-á à filosofia, seguindo “para o seu lugar por um bondoso e doce caminho sublunar”. Segundo Sosípatra, uma imagem (*eidōlon*) de Eustácio a informa do que aconteceria com ele (Eun. *VS* 6.8.4). Essa imagem de Eustácio parece um tipo de ente, ou duplo, atrelado a Eustácio.

Porfírio em suas *Sentenças* discerne entre algumas partes da alma nas quais reconhece alguma racionalidade, como a parte intelectual, a parte lógica, a parte seminal e uma parte simbólica, ou imagética, que fica atrelada ao corpo (*eidolikos sōmasi*, Porph. *Sent.* 10), parece ser esse o uso mais provável do termo *eidōlon* nesse trecho de Eunápio. Por outro lado, o termo *eidōlon* em seu sentido fantasmagórico foi algo bastante comum na literatura grega arcaica e clássica, predominante em personagens divinos e/ou divinizados, atravessando para a ambiência da prosa filosófica e retórica.³

Quanto à sua própria alma, Sosípatra diz que estará provavelmente em um nível superior ao de Eustácio, sem especificar qual seria esse lugar (Eun. *VS* 6.8.5). O vocabulário nesse ponto, embora tenha relação direta com os trajetos e destinos das almas, tais quais explicitados em Platão, se estende aos lugares celestes nomeados pela física aristotélica, visto que o “sublunar” é um tipo de descrição ligada à cosmologia aristotélica. Isso ocorre porque o neoplatonismo realiza amálgama de tradições filosóficas, ora reconhecível pelas suas matrizes estritamente platônicas, ora reconhecível pelas sobreposições conceituais aristotélicas e estoicas, quando não egípcias, caldaicas e persas (e.g. Porph. *VP* 6).

³ Ver Campos (2021, pp.1-25) para um apanhado sinótico acerca da imagem (*eidōlon*) de Helena em Homero, no ciclo troiano, em Estesícoro de Himera, Ágias de Trezeno e em Heródoto.

Toda a explicação que temos no *Fedro* acerca dos tipos de almas e vidas possíveis, no trecho em que estão descritos os ciclos das almas, encontra alguma ressonância na adivinhação de Sosípatra, quando ela descreve algo similar àqueles saberes de que trata Platão acerca da natureza das almas e dos seus possíveis destinos (Pl. *Phdr* 248d-e). Além disso, a interpretação neoplatônica de Porfírio também pode ser considerada como importante, visto que ela discerne dois tipos de *daimones*, os que mantêm o *pneuma* em equilíbrio, sendo capazes de manter sua unidade, e os que não são capazes de manter tal unidade, por esse motivo os primeiros são visíveis e os segundos invisíveis, já que *pneuma* é matéria (Porph. *Abst.* 2.39).⁴

Em seguida, nesse terceiro momento, três elementos são enunciados em conjunto acerca da ambiência e ligação com o *Fedro*. O primeiro deles, talvez aparentemente irrelevante, é o fato de Filometor, o aluno apaixonado por Sosípatra, ser enunciado como “radiante”, “luminoso”, literalmente “*phaidros*” (Eun.*VS* 6.9.8) nome do personagem e do próprio diálogo de Platão. A analogia entre textos seria, então, Filometor (*phaidros*) está para Fedro assim como Sosípatra estaria para Sócrates. Caso isso não pareça suficiente, ou uma mera coincidência vocabular, o que vem a seguir reforça tal paralelismo. Máximo, quando procurado por Sosípatra, ouve sobre o sentimento estranho, uma espécie de desconforto que ela sentia quando Filometor se despedia dela. Máximo percebe que Filometor havia feito algum tipo de feitiço para afetar sua prima e prepara um ritual para neutralizar a magia, ou seja, um contrafeitiço para livrar Sosípatra daquela influência negativa. Nesse sentido, parece que Filometor cultua *daimones* maléficos, aqueles que estão ainda atrelados às paixões que tinham em vida. Esse é um dos momentos de clarividência de Sosípatra, quando acessa tudo que foi feito por Máximo nos detalhes de sua magia libertadora e curativa.

Máximo, em um jogo de cena digno das narrativas teatrais, permanecendo escondido, ao perceber a presença de Filometor, proclama com uma voz solene, procurando evidentemente imitar uma voz divina, que Filometor parasse de realizar tais atos ímpios, literalmente teria proferido: “pare de queimar madeira em vão” (Eun.*VS* 6.9.8). Essa seria uma prescrição de interdição das ações encantatórias e maléficas direcionadas à Sosípatra, ou seja, uma interdição das intenções mágicas ligadas à parte apetitiva da alma através de *daimones* que responderiam a esses mesmos desejos baixos.

Comparando com o *Fedro*, assim como o discurso de Lísias é um discurso que prega a interdição do influxo amoroso, aqui também Máximo procura amedrontar

⁴ Ver Brisson (1987, pp. 82-89) para um detalhamento das hierarquias hypercósmicas e encósmicas em Proclo.

Filometor no sentido de que ele interrompa rituais desse tipo. No *Fedro*, Lísias também defende uma postura sóbria, uma espécie de hedonismo racional, de acordo com os seguintes termos: é melhor agradar um amante que não esteja tomado por Eros. O amor é visto como nocivo (*noseîn*, *Phdr.* 231d2), algo que deve ser evitado, enquanto a prudência ou temperança (231d3, *sôphroneîn*; 231d4, *phronésantes*) são louvadas, porque os apaixonados não são capazes de dominar (*krateîn*, 231d4) seus próprios desejos. Os argumentos de Lísias consideram especialmente o que ocorre depois do relacionamento amoroso e a expressão “tão logo cessado o desejo” (*tês epithymías paúsôntai*, *Phdr.* 231a3) marca esse cuidado.⁵ Repetida em *Phdr.* 232e6 e em 234a7, com pequena alteração do verbo para o particípio (*pauómenoi tês epithymías*), a expressão mostra que a preocupação acerca do amor se concentra especialmente nos efeitos nocivos de quando o desejo finda, motivo pelo qual o desejo (*epithymía*) deve ser antecipadamente bloqueado ou interrompido. É exatamente esse o caso de Filometor que, tomado pelo amor (Eun. *VS* 6.9.3), receberá a prescrição por parte de Máximo para que interrompa (*pausai*, *epaúsato*, Eun. *VS* 6.9.8-9) esse desejo, bem como as práticas mágicas que o acompanhava.

Máximo faz seu ritual contra o ritual de Filometor, mas não deixa de usar adicionalmente um artifício cênico e retórico para amedrontá-lo. Assim, os parâmetros ligados à postura de Lísias, que pretende evitar ou interromper o desejo amoroso, estão claramente ligados ao conselho de Máximo à Filometor, jogando com o mesmo léxico encontrado em Platão e acrescido de um ato teatral que procura persuadir Filometor através do medo.

Uma última referência cruzada entre Eunápio e Platão acontece quando Sosípatra no meio de uma exposição (*próthesis*) acerca da alma tem a clarividência acerca do acidente de carruagem que havia sofrido Filometor. Nesse momento, Eunápio descreve a condição do discurso de Sosípatra como algo entre o influxo coribântico e o báquico (*korubantiasmou kai tes ekbakkheuseos*, Eun. *VS* 6.9.12), em analogia, portanto, como o primeiro discurso de Sócrates, momento em que ele se propõe a fazer um discurso contra Eros, mas que segue um roteiro de inspiração relativamente artificial através do gênero ditirâmico (*duthurámbôn*, *Phdr.* 238b).⁶

⁵ Ver edição de Yunis, 2011.

⁶ Ver também em *Fedro* 228c (*sunkorubantiôta*) e 265b (*Dionúson de telestikén*) alusões aos mistérios ou estados alterados da alma considerados dionisiacos ou báquicos. Filóstrato também em sua *Vida dos Sofistas* diz que Górgias de Leontino usava por vezes um estilo báquico (*bakkheíon*) (Philostr. *VS* 520).

Apesar de haver no *Fedro* uma categorização entre quatro tipos de loucura, duas delas, a apolínea e a dionisiaca, não poderiam ser separadas completamente, fazendo parte de um mesmo imaginário das iniciações e mistérios. Da mesma maneira, os coribânticos e os báquicos devem ser entendidos como mesclados desde a época de Platão e considerados como linhas ou cultos religiosos que atravessaram séculos, chegando à essas interpretações sincréticas de Eunápio.⁷

Destacando ainda alguns elementos cênicos e retóricos presentes na passagem, é possível observar que a caracterização de Sosípatra como uma criança com poderes acontece pela percepção acurada dos sábios, ou seja, ninguém antes deles consegue discernir a luz especial da criança, a não ser pela alegria e prosperidade que aparentemente ela levava a tudo. Esse aspecto retórico está atrelado algumas vezes com os poderes especiais, pois já no início, na chegada dos sábios às terras dos parentes de Sosípatra, Eunápio caracteriza a capacidade desses senhores de convencer facilmente, permanecendo uma dúvida sobre a origem dessa capacidade, se apenas proveniente da técnica retórica ou se teriam eles também poderes sobrenaturais. No decorrer da caracterização fica sugerido que eles tinham mesmo poderes especiais, pelo menos para o pai de Sosípatra, que chega à conclusão de que eram *daimones*.

Depois da série de eventos sobrenaturais que acompanham a vida, o desenvolvimento e a educação de Sosípatra, também se mesclam a performances retóricas não exatamente intencionais, pois são clarividências que lhe acometem sem nenhum preparo. A não ser a última das clarividências, que apesar de também ocorrer dessa forma, surge em um contexto retórico controlado, em que Sosípatra está em um evento promovido por ela própria, em sua própria casa, lugar em que se discutiriam temas filosóficos. Aqui encontramos os termos mais ligados a esse aspecto racional e técnico da filosofia e da retórica, pois é uma cena em que discursos são apresentados, como demonstrações (*apodeíxesi*) utilizadas para dissolver (*dialúousa*) percepções antes apresentadas. Ou seja, há uma reunião em que uma exposição (*próthesis*) de argumentos é partilhada, seguida de uma investigação (*zétema*) acerca da alma, mais especificamente acerca da descida da alma no corpo. Aliás, esse é um tema platônico clássico (Pl. *Phdr.* 246c; *Phd.* 64c-67c-d) tratado pontualmente por Plotino (Plot. IV,8,4) e por Porfírio (Porph. *Sent.* 7-13). Como ressalta Eunápio, o tema de Sosípatra era a parte da alma “que sofre punição” e a que é “resguardada pela imortalidade” (Eun. *VS* 6.9.12).

⁷ Ver Ustinova (2018, p. 169-216) acerca desse tipo de manifestação báquica.

Apesar da caracterização de Eunápio destacar predominantemente os poderes extraordinários de Sosípatra, é importante notar que eles não estão distantes das organizações retóricas e filosóficas. A cena final mostra que ambas as coisas estavam interligadas, ou seja, que a organização retórica, filosófica, literária e racional era a base cultural em que Sosípatra fora educada e em meio a qual foi capaz de desenvolver suas qualidades teúrgicas.

Destaco, por fim, nesse campo cênico, a atitude de Máximo, que apesar de terurgo, uma espécie de sacerdote, não apenas usa seus conhecimentos religiosos para demover Filometor de seus intuitos maléficos, mas faz uso de artifícios retóricos, cênicos e locutórios, na medida que forja uma voz de tipo divina para amedrontá-lo. Resumidamente, a mágica não exclui a retórica e diversos elementos cênicos, os quais jamais aparecem em oposição, mas como complementares. São relativamente conhecidas, nessa literatura, as vozes do além que demovem ou saúdam os sábios. Epimênides de Creta, em meio à construção de um templo dedicado às Ninfas, teria ouvido uma voz que lhe disse: “para as Ninfas não, mas para Zeus”, o que fez com que compreendesse a necessidade de mudar a finalidade daquele templo (D.L.I,115). Além dele, Pitágoras, segundo Porfírio, ao atravessar o rio Cáucaso teria sido saudado por uma voz proveniente desse rio que dizia: “Salve, Pitágoras!” (Porph.VP 27). Esse episódio também é atestado por Jâmblico, mas o rio nesse caso seria o Neso (Iambl.VP 134). Evidentemente, cada um desses casos tem sua especificidade enquanto relato literário e fazem parte desse amplo repertório que vemos condensado em Eunápio.

5 Tradução e notas a Eunápio, *Vida dos sofistas* 6.6.5 – 6.9.15

[6.6.5] Assim, esse Eustácio se casou com a jovem Sosípatra, a qual devido à sua própria e eminente sabedoria (*sophías*) fez com que o marido parecesse uma pessoa simples e inferior. É preciso, no entanto, inseri-la nesse catálogo dos sábios e falar dela com mais detalhe, tamanha foi a fama que a mulher adquiriu. Ela era proveniente de Éfeso, na Ásia, lugar em que o rio Caístro sobrepassa e percorre uma terra que foi conhecida por esse mesmo nome. Seus pais e familiares eram muito felizes e prósperos. Ainda quando era uma pequena criança, ela tornava tudo mais próspero, tão bela e digna era a luz que dela emanava nessa idade.

[6.6.7] Ela havia acabado de completar cinco anos quando dois senhores, ambos em idade avançada, sendo um deles relativamente mais novo que o outro, passaram por uma lavoura dos parentes de Sosípatra carregando grandes bolsas de couro e vestindo peles nas costas. Os dois convenceram o administrador local – pois era fácil que eles fizessem isso –, a confiar-lhes o

cuidado daquelas vinhas. Como o resultado da colheita e seus frutos foram além do esperado, e o dono da terra estava ali, bem como a criança Sosípatra, houve um espanto imenso e a suspeita de que ali havia ocorrido algo divino. [6.6.9] O dono das terras os convidou para sua mesa e os tratou com muita consideração, enquanto os agricultores locais foram detratados, por jamais terem chegado a resultados semelhantes.

Ocorreu que os senhores partilharam da mesa e da hospitalidade desses gregos, e tomados pela beleza extraordinária da pequena Sosípatra, daquela forte luminosidade, eles disseram: “Temos outras coisas que ficaram ocultas e não ditas, como essa abundante colheita de uva (*euoinias*)⁸, risível e elogiada, pois algo dessa brincadeira (*paígnion*) foi negligentemente propiciada por nós. [6.6.11] Se tu desejas nos recompensar, não o faça por meio dessa mesa, da hospitalidade, nem por agrados em dinheiro, que são bens mortais ou perecíveis, mas tanto quanto há de superior também em tua vida, pela dádiva celeste que lhe foi enviada pelos astros, permita que Sosípatra junto a nós seja educada e tutelada verdadeiramente. [6.6.12] Tu não temerás nos próximos cinco anos nenhuma enfermidade nem morte da menina, mas ela permanecerá inteiramente tranquila e segura. Deves tomar o cuidado de não comer nada dessa terra nos próximos cinco anos de acordo com o ciclo solar, até que ele se complete. A tua riqueza crescerá e florescerá da terra de modo natural, enquanto sua filha não mais será uma menina ou um ser humano comum, mas você mesmo será considerado superior pela menina. Se tens bondade no ânimo, aceita o que foi dito acenando com a mão. [6.6.13] Se alguma desconfiança lhe sobrevém, considera que nada lhe foi dito”.

Frente a isso, o pai mordeu a língua e ficou perplexo, tomou a criança nas mãos e a entregou. Chamou o serviçal e as seguintes palavras preferiu: “Forneça tanto quanto os senhores desejarem sem contestar nada”. Nem a aurora havia despontado e ele já estava como um fugitivo de sua filha e da sua terra.

[6.7] Quer sejam heróis, *daimones* ou de alguma estirpe divina, esses tutores da criança a iniciaram em mistérios que ninguém conhecia e a divinização pela qual a menina teria passado não foi revelada, mesmo àqueles que muito desejavam saber.

O tempo determinado chegou e todas as coisas haviam decorrido de acordo com o estabelecido acerca da terra, nesse momento o pai regressou ao campo, mas não reconheceu rapidamente a filha, pelo tamanho dela, que parecia bela e bastante mudada. Ela também praticamente não o reconheceu. [6.7.3]

Ele reverenciou a filha, que quando viu parecia outra pessoa. Estando à mesa posta e eles todos próximos, os professores lhe disseram: “Pergunta o quiseres à donzela”. E ela interrompeu: “Pergunta, pai, o que aconteceu na tua jornada”. Ele concordou e a filha passou a falar da felicidade dele em poder viajar com uma carruagem de quatro rodas e das coisas muitas que podem afetar aqueles que estão nessas carruagens. Em seguida, ela passou a descrever todas as falas, promessas e temores que ele tinha vivido, como se ela estivesse o tempo todo a

⁸ Ver correção do termo *eunoías*, “benevolência”, da edição de Boissonade (1822), por *euoinias*, “boa safra” ou “abundante colheita”, na edição Loeb (1920, n.1 p.402). A edição de Giangrande (1956) repõe o termo *eunoías*, “benevolência”, tal qual prefere a tradução italiana: “benevolenza” (Civiletti, 2007, p.119). A tradução espanhola apresenta a expressão “abundante vindima” (Samaranch, 1966, p.67), a tradução francesa prefere “cette riche vendange” (D’Jeranian, 2009, p.52) e a tradução inglesa de Nau prefere “abundance arising” (Nau in Marx, 2014, p.120). Os dois termos acabam por funcionar relativamente bem, motivo pelo qual escolhi também “essa abundante colheita de uva”, com a maioria dos tradutores, deixando ao leitor a possibilidade de intercambiar eventualmente o termo para “benevolência”.

seu lado na carruagem. [6.7.5] E isso foi levando o pai a uma crescente admiração, não a ponto de estar apenas espantado, mas de ficar perplexo e de se convencer de que a filha era divina. De joelhos, diante daqueles homens, ele então suplicou que lhe dissessem quem eles eram. Responderam simples e calmamente, numa opinião aparentemente similar ao divino, que tinham uma sabedoria iniciática (*sophias ouk amúêtoi*) proveniente dos Caldeus, e tudo isso se deu de modo enigmático, eles mantendo sempre a cabeça reclinada. [6.7.6]

O pai prostrou-se diante deles como suplicante e convidou-os a serem administradores daquelas terras, além disso, que mantivessem a filha sob própria tutela para que a iniciassem completamente nos mistérios, pedido que eles assentiram com a cabeça, indicando que assim fariam, sem dizer qualquer palavra. O pai, como se tivesse recebido alguma determinação ou oráculo, encorajou a si mesmo diante do destino desconhecido. [6.7.7] Ele fez um imenso elogio a Homero sobre a alma, por este ter proclamado um destino grandioso e divino:

Mesmo os deuses, parecendo hóspedes em terras outras

Valem-se de muitas formas ao visitar as cidades (Od. XVII, 485-6).

E ele próprio, dessa forma, considerou ter encontrado divindades naqueles homens estrangeiros. Repleto dessas coisas, o pai foi dormir, enquanto os demais, deixando o jantar, receberam a menina e entregaram a ela cuidadosamente e muito amigavelmente o conjunto de roupas nas quais seria iniciada. Além disso, acrescentaram instrumentos em uma caixa para Sosípatra, instruindo sobre significados e inserindo nela alguns livros. [6.7.9] Tão logo a aurora surgiu e os portões foram abertos, os demais homens rumavam para trabalho e aqueles [sábios] saíam conjuntamente, como era o costume. A menina correu para junto do pai trazendo a boa novidade (*euaggélia*), enquanto sua caixa era levada por um dos seus cuidadores. [6.7.10]

O pai pergunta pelo dinheiro que ela por acaso portava, que estava com os empregados, tanto quanto era necessário para suas despesas, e pede em seguida que chamem os homens, mas eles não aparecem. Ele pergunta a Sosípatra: “O que é isso, minha filha?” Após uma pequena pausa: “Agora entendo”, disse ela, “o que me foi dito. Pois quando punham essas coisas em minhas mãos, lacrimosos, eles disseram o seguinte: “menina, seja cuidadosa, nós estaremos em curso pelo Oceano ocidental, mas logo estaremos de volta”. Isso comprovou que aquelas aparições conjuntas eram evidentemente *daimones* [6.8], uma vez que iam e voltavam facilmente na direção que bem entendessem. O pai cuidou da menina divinamente iniciada e com prudência entusiástica, permitindo uma vida como bem ela desejasse, sem interferir em nada em suas atividades, exceto quando lhe perturbava o silêncio. [6.8.2]

Ela chegara ao ápice de seu florescimento e embora não tivesse outros professores, recitava livros dos poetas, filósofos e rétores, havia aqueles também que conhecia apenas à muito custo e com muito esforço, os quais ela explicava de modo indiferente, suavemente e sem esforço, percorrendo seus temas com clareza. [6.8.3] Então, parece que junto a ela começaram a chegar homens pretendentes e, de modo inquestionável, Eustácio era o único digno desse casamento.

“Escuta, Eustácio”, disse ela na presença dos acompanhantes que testemunhavam, “terei três filhos contigo, todos parece que terão uma bondade humana, sem nenhum infortúnio, quanto à divindade, entretanto, apenas um

deles a alcançará.⁹ [6.8.4] E tu vais me deixar antes, partilhando de um destino belo e apropriado, ainda que o meu destino talvez seja superior. Tu ao redor da lua movimentar-se-á sem nenhuma dificuldade e aí filosofarás por cinco anos, assim me diz sua imagem (*eidōlon*), mas depois você se distanciará para o seu lugar por um bondoso e doce caminho sublunar.¹⁰ [6.8.5] Eu também quero falar de mim mesma”, mas em seguida ela interrompeu sua fala por um curto espaço de tempo e disse “quanto a mim”, e falou alto, “o deus me preveniu!”. Tendo dito essas coisas, pois assim se inclinavam os destinos, ela se casou com Eustácio e o que foi dito nessa ocasião em nada foi diferente de um oráculo imutável, pois tudo ocorreu e terminou tal qual ela havia dito.

[6.9] É preciso narrar o que aconteceu em seguida. Sosípatra, depois da morte de Eustácio, voltou para sua propriedade na Ásia e passou a viver na antiga Pérgamo. O grande Edésio lhe tinha apreço e cuidado, tendo inclusive educado seus três filhos. Na sua própria casa, Sosípatra tinha um espaço de discussão filosófica, visto que depois das aulas com Edésio, os estudantes iam ao seu encontro. Embora não houvesse quem não adorasse e se maravilhasse com a precisão das palavras de Edésio, também reverenciavam e honravam o entusiasmo daquela mulher.

[6.9.3] Filometor, sendo um de seus primos, foi afetado pela sua beleza e pelos seus discursos, sendo levado a um sentimento amoroso, reconhecendo a divindade da mulher. Esse amor o compelia e constrangia. Ambos os sentimentos eram muito fortes nele, de modo que a mulher percebia também esses sobressaltos. Diante de Máximo, que era uns dos principais alunos nas aulas de Edésio, além de ser parente dele, Sosípatra pergunta: “Descubra, ó Máximo, para que eu não tenha mais isso, o que é isso que me afeta?” E ele

⁹ Nossa tradução segue a edição de Boissonade (1822, p.37) que traz o seguinte texto: *παῖδας μὲν ὑπὸ σοὶ τέξομαι τρεῖς, πάντες δὲ τὸ ἀνθρώπινον δοκοῦν ἀγαθὸν ἀτυχήσουσι, πρὸς τὸ θεῖον δὲ οὐδὲ εἷς*. Civiletti (2007, n. 227, pp. 392-394) segue sugestão de correção proposta por Giangrande (1956, pp. 111-16) segundo a qual se inclui um <οὐδὲν> antes de ἀτυχήσουσι. O resultado é expor a oposição entre os bens humanos e os divinos, sendo que quanto aos bens humanos todos haveriam de alcançar êxito, mas entre os bens divinos apenas um deles, mas nem todas as traduções, nesse caso, estão plenamente alinhadas. A leitura predominante, entretanto, é que todos os filhos de Sosípatra alcançam bens humanos, mas apenas um os bens divinos. Assim, a versão italiana considera que todos os filhos alcançam os bens humanos, mas apenas um deles os dons divinos: “Tutti non mancheranno di ottenere ciò che gli uomini considerano un bene, ma quello che è tale per gli dèi uno soltanto riuscirà a raggiungerlo” (Civiletti, 2007, p.125). A tradução inglesa de Nau, contida no livro de Marx, também opta por essa leitura: “all will attain success in what is considered noble for mankind, but only one in what is considered noble for gods” (Nau in Marx, p.122). A tradução francesa, por outro lado, enfatiza que quantos aos bens humanos todos eles seriam desprovidos: “tous dépourvus de ce qui semble faire le bonheur du commun des mortels, bien qu’un seul d’entre eux gagnera celui des Dieux” (D’Jeranian, 2009, p.54). A tradução espanhola de Samaranch, por outro lado, inclui os três filhos de Sosípatra no destino divino e os exclui dos bens humanos: “y todos ellos dejarán de conseguir lo que se considera la felicidad humana, pero en lo que respecta a la felicidad que otorgan los dioses ninguno de ellos dejará de lograrla” (Samaranch, 1966, p.71). Wright já havia entendido assim, que nenhum de seus filhos alcançaria a felicidade humana e que todos alcançariam o divino: “all of them will fail to win what is considered to be human happiness, as to the happiness that the gods bestow, not one of them will fail therein” (Wright, 1922, p. 408). Apesar de o trecho ser controverso, no sentido de salvar a profecia de Sosípatra quanto aos filhos, já que um deles foi sacerdote e adivinho, não nos parece necessário pensar que a profecia remeta exatamente às vidas mesmas, mas apenas aos destinos que aquelas almas encontrariam depois da vida terrena, não sendo necessário, portanto, tais ajustes ou correções no texto original.

¹⁰ Primeiramente a presença do *eidōlon* (imagem, ídolo) realmente chama atenção nessa fala de Sosípatra, não ficando muito claro que tipo de entidade é essa, visto que anteriormente ela apresentou três categorias, a dos heróis, dos *daimones* e da estirpe divina, sem, contudo, mencionar quaisquer imagens, fantasmas ou quaisquer entidades que se comunicam. O termo evidentemente cumpre papel importante na teorização de Platão acerca da tradição poética através de Helena (*Phdr.*243a), assim como dentro da sua própria teoria da linguagem, imagem, cópia, da palavra viva (*Soph.*264c). O destino de Eustácio está ligado aparentemente ao que Porfírio descreve como *daimones* positivos, que conseguem conservar depois do desencarne a unidade material de seu *pneuma* por meio do equilíbrio, especialmente porque nessa interpretação tal categoria de seres permanece dentro desses limites e trajetos sublunares (*tón hupo seléne tópon*) (Porph. *Abst.* 2.38-39).

contestou: “O que é essa afecção?” Ela respondeu: “Quando estou junto a Filometor não há nada de diferente entre ele e as outras pessoas, mas quando vejo que ele vai embora algo me aperta e muda, como se meu coração fosse empurrado de dentro para fora. Então, esforça-te em meu favor e mostra algo, pela sua amizade com o divino”, completou ela.

Máximo tendo ouvido essas coisas se sentiu grandioso, como se estivesse em companhia dos deuses, já que uma mulher assim havia depositado tal confiança nele. [6.9.6] Filometor persistia em seus propósitos, enquanto Máximo se lhe antepunha e, tendo descoberto por meio de sua sabedoria sacrificial o que havia sido feito, encontra a liberação daquela simples magia com um feitiço mais forte e poderoso. Tendo finalizado essas coisas, Máximo correu para Sosípatra para lhe precaver quanto a limpeza muito detalhada que fizera, indagando se ela havia se livrado efetivamente daquelas afecções. [6.9.7]

Sosípatra disse que não havia sofrido mais nenhuma afecção e reportou a Máximo a prece e tudo aquilo que ele próprio havia feito, especificando o momento, como se ela estivesse presente, segundo cada coisa que havia sido feita, chegando a mostrar os signos por ele revelados. Caíndo na terra vazia, ele proclamou diretamente que Sosípatra era divina, a qual, por sua vez, lhe disse: “Levante-te, ó filho, os deuses te amam se tu olhas para eles, não para as coisas terrestres e perecíveis”.

[6.9.8] E tendo ouvido isso, Máximo ficou se vangloriando ainda mais e teve uma prova cabal da divindade da mulher. Filometor, por outro lado, estava radiante (*phaidròs*) se aproximando de uma porta com muitos de seus amigos, quando Máximo apartado por uma certa distância, sem ser visto, proferiu a seguinte frase com uma grandiosa voz: “Dos deuses para ti, Filometor”, disse ele, “companheiro, pare (*paúsai*) de queimar madeira em vão”, referindo-se a algo que ele tinha feito de malvado. [6.9.10]

Esse, com receio, considerou que essa fala de Máximo era mesmo divina, parando (*epaúsato*) com seus planos anteriores, chegando até a ridicularizar publicamente aquelas suas práticas anteriores. Sosípatra, por sua parte, nobremente considerou Filometor de modo diferente depois disso, admirando-o pela afeição que ele tinha por ela. [6.9.11] Em certa ocasião, todos vieram para junto dela, menos Filometor, que estava ocupado nos campos. Haveria uma exposição (*próthesis*) e uma investigação (*zétema*) acerca da descida da alma no corpo. Muitos dos discursos foram apresentados, mas quando Sosípatra começou a falar, pouco a pouco, algumas coisas foram sendo dissolvidas pelas suas demonstrações, até que chegou ao tema da descida da alma.¹¹ Ela tratava da parte que sofre punição e da que é resguardada pela imortalidade, isso em meio a um momento coribântico e báquico (*metaxù tou korubantiasmou kai tês ekkakkheúseos*), seguido de uma pausa na sua fala e de um posterior silêncio. Depois de um curto intervalo, ela exclamou com força em meio a todos: “O que é isso? Nosso parente Filometor está numa carruagem, mas a carruagem sofreu uma espécie de perda de curso e se desmantelou, tendo ele sofrido alguma lesão nas pernas. Mas os servidores o encontraram e o tiraram do perigo, a não ser por alguns machucados nos braços e nas mãos, mas esses também estão fora de perigo. Depois do ocorrido ele foi levado em uma maca aos gemidos”. Isso ela disse e assim mesmo ocorreu, ficando todos sabendo que Sosípatra poderia, portanto, estar em qualquer parte, presente em todos os acontecimentos, como os filósofos dizem acerca dos deuses. [6.9.15]

¹¹ Ver teorização acerca da descida da alma no corpo, especificamente em Plotino, *Enéadas*, IV 8.

Considerações finais

Nesse trajeto, vimos como o texto de Eunápio pode fornecer uma leitura bastante rica acerca de Sosípatra, considerando predominantemente elementos internos ao texto e à escola neoplatônica. Certamente nesse trajeto não foram esgotados aspectos e questões desse campo literário. Entretanto, gostaria ainda de referir uma das aproximações históricas feitas por Heidi Marx-Wolf (2014) que em nosso juízo poderiam ser ponderadas. A autora, em sua obra sobre Sosípatra, ressalta um elemento importante, mas que talvez não seja decisivo, para explicar uma atitude dos senhores frente ao pai de Sosípatra. Os senhores dizem: “permita que esta Sosípatra junto a nós seja educada e tutelada verdadeiramente. Não temerás nos próximos cinco anos nenhuma enfermidade, nem morte da menina, mas ela estará inteiramente tranquila e segura” (Eun. *VS* 6.6.11-12). Marx-Wolf, ao remontar o contexto demográfico da altíssima mortalidade infantil do período, sugere que os senhores estivessem preocupados exatamente com esse fator, com a saúde e integridade física daquela criança, como se ela estivesse sob alguma ameaça sanitária, por isso teriam proposto retirá-la daquele lugar (Marx-Wolf, 2014, p.32).

Realmente poderia ser interessante a ideia de que o texto pudesse responder a algo histórico nesses termos, ou seja, que fizesse menção, ainda que de modo sutil, às péssimas condições sanitárias que afetavam as crianças no Império Romano. Contudo, ao percorrermos as passagens, realizando uma leitura das traduções e produzindo essa versão em português, percebemos que tal interpretação extrapola o escopo do documento. Primeiramente porque os dados referidos por Marx-Wolf são extraídos da obra de Lewis (2018), que faz apanhado de mortalidade infantil com base na arqueologia de doenças infantis na Roma britânica, região bastante distante da costa oriental grega. Além disso, ainda que pudéssemos considerar as condições sanitárias da região efetiva de Sosípatra também como precárias, por analogia, e ainda que elas não fossem exclusivas das camadas mais pobres dessa população infantil, não parece imediato deduzir da fala dos senhores que eles estivessem reverberando precariedades sanitárias, não porque elas não existissem, mas porque o texto não permite vislumbrar o problema com tal nitidez. Não parece possível afirmar com segurança que a proposta educativa que os senhores apresentam ao pai de Sosípatra tivesse qualquer relação com

a mortalidade infantil no período e na região, tal como sugere Marx-Wolf (2014, pp.20-21).

Tal fato não desabona em nada o trabalho de Marx-Wolf, ao contrário, torna as coisas mais interessantes, visto que reforça a importância pedagógica daquela iniciação, independente dos fatores externos, visto ser uma proposta atípica por ser direcionada para uma menina, como mostra Marx-Wolf, mas que, como o texto diz, é uma proposta escolar e doutrinal, para que a jovem fosse “educada e tutelada verdadeiramente” (Eun.*VS* 6.6.12). Feita essa ressalva, consideramos o livro de Marx-Wolf acerca de Sosípatra uma obra importante por ter resgatado aspectos interessantes da personagem, bem como seu estudo anterior, mais focado na escola platônica do terceiro século (Marx-Wolf, 2009), com uma interessante bibliografia complementar para a compreensão dos antecessores de Sosípatra, visto ser esse um contexto de uma cultura filosófica que procura resistir à cristianização.

Igualmente interessante, como leitura complementar, consideramos a obra de Watts (2015) que trata dessa “última geração de pagãos”, embora a expressão não seja aplicada em seu sentido estrito, como o autor explica, certamente o período tem especificidades importantes a serem consideradas a respeito desse embate entre a cultura politeísta e a cultura cristã nas diversas províncias do império romano, de modo que Eunápio revela um pouco dessa conturbada relação.

Esperamos, por fim, que esse trajeto possa inspirar novas abordagens, não apenas no trecho de Sosípatra, mas também em outros pontos da obra de Eunápio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Graham. *The second sophistic: a cultural phenomenon in the Roman empire*, Routledge, New York, 1993.

ARISTOTLE. *Politics*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 264. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932.

BRISSON, Luc. Proclus et l'orphisme. In: *Proclus, lecteur et interprète des anciens*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

CAMPOS, Rogério Gimenes de. Escolas filosóficas em contraste e uma tópica platônica em Filóstrato, Vida de Apolônio de Tiana I, VII. *Nuntius Antiquus*, [S. l.], v. 17, n. 1, 2021. DOI: 10.35699/1983-3636.2021.29212.

- CAMPOS, Rogério Gimenes de. Helena no Egito sem *eidōlon*: Estesícoro e os Retornos de Ágias de Trezeno em Heródoto 2. 111-120. *CODEX - Revista de Estudos Clássicos*, 9 (2), p. 1-25, 2021. doi:<https://doi.org/10.25187/codex.v9i2.40795>
- COLLI, Giorgio. *La Sapienza greca*, v. I. Milano: Adelphi, 1992.
- EUNAPE DE SARDES. *Vies de Philosophes et de Sophistes*. Trad. Olivier D'Jeranian, Paris: Éditions Manucius, 2009.
- EUNAPIO DI SARDI. *Vite di Filosofi e Sofisti*. Trad. Maurizio Civiletti, BOMPIANI, Milano: 2007
- EUNAPIO. *Vida de filósofos y sofistas*. Trad. Francisco de P. Samaranch. Buenos Aires: Aguilar, 1966.
- EURÍPIDES. *Bacas*. Trad, JAA Torrano, São Paulo: Hucitec, 1995.
- FILÓSTRATO. *Vida de Apolônio de Tiana*. Trad. Alberto Bernabé. Madrid: Gredos, 2016.
- GIANGRANDE, Giuseppe. La profezia di Sosipatra in Eunapio. *Studi Classici e Orientali*, v. 5, p. 111-116, Pisa, 1955.
- GOULET, Richard. *Eunape et ses devanciers: À propos de Vitae Sophistarum*, Giangrande, p. 6. 4-17. *GRBS* 20, p.161- 172, 1979.
- GOULET, Richard. *Les intellectuels païens dans l'Empire Chrétien selon Eunape de Sardes*, *AEHE*, Vème sect. 86, p. 297-303, 1977-1978
- JÂMBLICO. *Vida pitagórica. Protréptico*. Madrid: Gredos, 2016
- LAERTIUS, Diogenes. *Lives of Eminent Philosophers*, 2 Vols, trad. Hicks, R. D., Harvard University Press, 1925.
- LEWIS, Mary E. Diseases and Trauma in the Children from Roman Britain. In: CRAWFORD, Sally; HADLEY, Dawn M. and SHEPPERD, Gillian (ed.) *Oxford Handbook of the Archaeology of Childhood*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 471-472.
- MARX-WOLF, Heidi. *Platonists and High Priests: Daemonology, Ritual and Social Order in the Third Century CE*, UNIVERSITY OF CALIFORNIA Santa Barbara, 2009.
- MARX-WOLF, Heidi. *Sosipatra of Pergamum: Philosopher and Oracle*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- NENCI, Giuseppe. *Eunapio, Vitae Sophistarum II 2, 6-8e la periodizzazione della philosophos istoria* *ASNP* 3, p. 95-102, 1973.
- PENELLA, Robert J. *Greek Philosophers and sophists in the Fourth century A. D.* *Studies in Eunapius of Sardis*, coll. ARCA, 28, [Leeds], 1990.

- PHILOSTRATUS, EUNAPIUS. *Lives of the Sophists. Eunapius: Lives of the Philosophers and Sophists*. Translated by Wilmer C. Wright. Loeb Classical Library 134. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Hedra, 2018.
- PORFÍRIO. *Vida de Pitágoras, Argonáuticas órficas, Himnos órficos*. Madrid: Gredos, 2002.
- PORPHYRII sententiae ad intelligibilia ducentes (Ed.) Lamberz. Teubner Verlag, 1975.
- PORPHYRY *On Abstinence from Killing Animals* (Trans. Gillian Clark), Bloomsbury Academic, 2000.
- RADICE, Roberto. *Stoici antichi. Tutti Frammenti*. Raccolti da Hans von Arnim. Milano: Bompiani, 2002.
- SAFFREY, Henri Dominique. *Le Néoplatonisme Après Plotin*. Paris: Vrin, 2001
- TROUILLARD, Jean. *La mystagogie de Proclus* Coll. d'Etudes anciennes Paris: Les Belles Lettres, 1982.
- USTINOVA, Yulia. *Divine Mania Alteration of Consciousness in Ancient Greece*. New York: Routledge, 2018.
- VICAIRE, Paul & MORESCHINI. Claudio. *Phèdre*. Paris: Les Belles Letres, 1998.
- WATTS, Edward J. *The final pagan Generation*. California: University of California Press, 2015.
- YUNIS, Harvey (ed.). PLATO, *Phaedrus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.